



PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E AUTISMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME *TUDO QUE QUERO*

Pâmela Aires Machado*

Laianne Lannunci Lima Lopes**

Amanda Rayra Dias Campos***

Gilson Gomes Coelho****

Plábio Marcos Martins Desidério*****

Resumo: A psicologia sócio-histórica desenvolvida a partir do pensamento de Lev Vygotsky (1896-1934) tem seus fundamentos no marxismo e adota o materialismo histórico dialético como filosofia, teoria e método. Sendo assim, o homem é colocado como ativo, social e histórico. As contribuições dessa abordagem para a prática clínica permitiram a construção do presente trabalho que analisa o filme *Tudo que quero*. Portanto, trata-se de uma análise teórica a partir da perspectiva sócio-histórica de Lev Vygotsky em que se destacam seus principais conceitos e a função da psicoterapia em pessoas com transtorno do espectro autista, enfatizando as personagens Wendy e sua terapeuta Scottie. Como resultado, pode-se citar que o trabalho da terapeuta foi fundamental para o desenvolvimento de Wendy, ao promover autonomia e sentimento de liberdade, e influenciar toda a vida concreta de Wendy.

Palavras-chave: Psicologia sócio-histórica. Prática clínica. Transtorno do espectro autista. Análise. Filme.

INTRODUÇÃO

O filme *Tudo que quero* conta a história de uma moça autista que mora em uma casa comunitária com pessoas com o mesmo espectro, sem os pais, cuja única ligação familiar é

* Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). *E-mail:* pamelaairesmachado@catolicaorione.edu.br

** Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). *E-mail:* laiannelannunculopes@catolicaorione.edu.br

*** Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). *E-mail:* amandarayracampos@catolicaorione.edu.br

**** Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Assis. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO) e do curso de Medicina da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS-Augustinópolis). *E-mail:* gilsonpsico@gmail.com

***** Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UNB). Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) lotado no Colegiado de História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. *E-mail:* plabio@uft.edu.br

a irmã mais velha. Wendy, apesar do diagnóstico, é corajosa e determinada, e encara seus limites para participar de um concurso de roteiro para um episódio de *Star Trek*. A personagem é acompanhada por uma tutora e psicóloga que a ajuda a se comunicar, controlar seus acessos de raiva e desenvolver habilidades que possam gerar sentimentos de autonomia. Esse é o enredo do filme lançado em 2017 que desenvolve temas bastante persistentes em nossa sociedade, como o autismo, o papel social da mulher, o desenvolvimento humano e social, entre outros.

O autismo, de acordo com o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), está no grupo dos transtornos do neurodesenvolvimento. O transtorno do espectro autista (TEA) pode ser diagnosticado por uma série de características, tais como: déficits persistentes na comunicação social; déficits de reciprocidade socioemocional; falta de comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social; e dificuldade para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. A gravidade é baseada em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos. Partindo da perspectiva histórica, esses padrões podem influenciar o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e afetar também o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como pensamentos, linguagem, memória, emoção, percepção e formação de conceitos (SOUZA; ANDRADA, 2013).

Cabe mencionar que, segundo o DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), o TEA é mais diagnosticado em homens do que em mulheres. As mulheres tendem a apresentar deficiência intelectual concomitantemente, o que sugere que as meninas que não apresentam essas características podem não ter o transtorno identificado, possivelmente devido ao aparecimento mais sutil das dificuldades sociais e de comunicação. Sendo assim, a comunicação e a fala, aspectos importantes do desenvolvimento humano, são afetadas e necessitam de atenção.

Para Vygotsky (2003), a fala, inicialmente, exerce a função de comunicação entre a pessoa e o meio, que se desenvolve a partir da infância, e é nesse processo que vai construindo as condições para que se transforme em fala interna, quando exercerá a função de organizar o pensamento. A fala interna se desenvolve mediante as trocas estruturais e funcionais derivadas da fala social. Nesse sentido, a fala torna-se fundamental no processo de desenvolvimento da consciência, permitindo que o sujeito se comunique e faça a mediação da cultura, de modo a favorecer a apropriação do externo para o interno (VYGOTSKY, 2004).

A psicologia sócio-histórica tem como princípio o histórico cultural de Vygotsky (1896-1934), que apresenta como possibilidade a superação das visões dicotômicas das outras vertentes psicológicas, incentivando uma psicologia dialética e crítica. Essa abordagem tem seus fundamentos no marxismo e adota o materialismo histórico dialético como filosofia, teoria e método. Nessa lógica, o indivíduo é colocado como ativo, social e histórico, e a sociedade representa a produção histórica dos homens que, por meio do trabalho, produzem sua

vida material e suas ideias, que são representadas pela realidade material, expressa nas ideias e na história como movimento contraditório constante do fazer humano (BOCK, 2007).

Segundo Delari Jr. (2009), ainda que a teoria de Vygotsky no Brasil seja em grande parte relacionada à temática da educação e do desenvolvimento humano, ela tem embasamento para subsidiar a atuação do psicólogo em diferentes contextos práticos. O autor acrescenta que os fundamentos dessa psicologia permitem compreender o ser humano de modo sistêmico, articulando suas dimensões pessoais, históricas e inter-relacionais. Quando o profissional de psicologia utiliza esses princípios, ele estabelece igualmente uma ação favorecedora do desenvolvimento e das transformações humanas.

A construção do ser humano se dá por meio de sua história, e o psicólogo no processo terapêutico é visto como mediador de subjetivação. Diante do paciente, o terapeuta é fundamental para intervir nas situações de sofrimento, não como "espelho", mas como gerador de desenvolvimento possível. Nesse contexto, o papel do psicólogo é ajudar o paciente a pensar nas necessidades que o afetam, agir sobre elas e satisfazê-las (LIMA; CARVALHO, 2013).

O presente trabalho é uma análise teórica a partir da perspectiva sócio-histórica de Lev Vygotsky, em que se destacam seus principais conceitos e a função da psicoterapia em pessoas com TEA, enfatizando as personagens Wendy e sua terapeuta Scottie. Este trabalho está subdividido assim: breve introdução à psicologia sócio-histórica, resumo do filme, método utilizado, resultados e discussão, e considerações finais.

BREVE NOÇÃO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

A proposta de Lev Vygotsky teve por objetivo a constituição de um projeto de psicologia capaz de analisar os problemas de aplicação prática do homem, de modo a atender às necessidades emergentes da nação russa que acabava de surgir após a revolução socialista de 1917 (LUCCI, 2006). Vygotsky e seus colaboradores Luria e Leontiev desenvolveram um estudo sociogenético do ser humano, no qual estabeleceram relações com as condições biológicas, principalmente nos aspectos neurológicos.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001) e Delari Jr. (2009), Vygotsky buscava construir uma psicologia que superasse as tradições positivistas e internalistas, ao estudar o homem e sua psique como uma construção histórica e social da humanidade. Para Vygotsky, o mundo psíquico do homem estaria diretamente ligado ao mundo material e às formas de vida que ele constrói no percurso da história. Guiado pelos princípios do marxismo e influenciado por outras obras da filosofia, em especial a de Espinosa, Vygotsky inicia a postulação de uma psicologia cujos preceitos se assentam no que alguns autores denominam ética humanista, que está ligada à maneira de agir do ser humano, envolvendo três ações: superação, cooperação e emancipação.

A psicologia sócio-histórica apresenta, desde os seus primórdios, a superação de dicotomias existentes na psicologia: interno *versus* externo; subjetivo *versus* objetivo; psíquico *versus* orgânico; natural *versus* social (BOCK, 2007). De acordo com Bock (2007), qualquer lado nessa disputa está errado, pois o outro não é considerado, e, desse modo, a compreensão dos fenômenos psicológicos fica incompleta. Assumir essas contradições presentes na gênese da psicologia possibilitaria a superação delas e o avanço na compreensão do comportamento humano. Assim, a psicologia sócio-histórica carrega em si a possibilidade da crítica.

Ainda segundo Bock (2007, p. 17-18), a fundamentação da psicologia sócio-histórica está no marxismo e no materialismo histórico e dialético como filosofia, método e teoria, pois

[...] concebe o homem como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as idéias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia.

A teoria do desenvolvimento de Vygotsky pressupõe que todo organismo é ativo e estabelece uma contínua interação entre as condições biológicas e sociais, de modo a formar a base do comportamento. O processo de desenvolvimento para Vygotsky segue duas linhas diferentes em sua origem: um processo elementar ou processos elementares, de base biológica, e um processo superior, de origem sociocultural (LUCCI, 2006). Segundo Corrêa (2017), a relação entre o plano biológico e o plano cultural é elaborada em termos de uma diferenciação das funções psicológicas elementares, funções comuns a homens e animais, e das funções psicológicas superiores, que são exclusivamente humanas.

Sendo assim, a noção de processos psicológicos superiores se torna um ponto central dentro da psicologia sócio-histórica de Vygotsky e, também, um dos mais abrangentes. Para Rego (2013), os processos psicológicos superiores se referem aos funcionamentos que são especialmente humanos, como a linguagem, o pensamento, a imaginação, a memória ativa, o raciocínio dedutivo, a atenção voluntária, as ações conscientes, a capacidade de planejamento, o pensamento abstrato, entre outros. Esses aspectos são inerentemente humanos e têm sua origem na relação com os meios histórico, social e cultural, emergindo dos processos psicológicos elementares.

É por meio da mediação que a relação do homem com o mundo físico e social se dá, o que permite o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e é a linguagem o principal mediador da interação humana. E essa mediação é possibilitada pelos instrumentos e signos (CORRÊA, 2017). O desenvolvimento dessas funções, para Corrêa (2017), ocorre a partir do uso de signos, que são instrumentos exclusivamente humanos. Nas palavras do autor, trata-se de "mediadores de natureza psicológica que tornam as ações humanas mais complexas

e sofisticadas, produzindo novas relações com o ambiente e uma nova organização do próprio comportamento" (CORRÊA, 2017, p. 382). De acordo com Lima e Carvalho (2013), o instrumento é um elemento que está entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, de modo a transformar seu ambiente. Os signos, por sua vez, são como instrumentos para a atividade psicológica, assim como a ferramenta é para um trabalhador manual.

Um outro conceito básico dentro da psicologia sócio-histórica e que se relaciona com os já apresentados é o de internalização. O processo de internalização é alcançado por dois movimentos: com a utilização de marcas externas, transformando-se em processos internos de mediação, ou são desenvolvidos sistemas simbólicos que organizam os signos em estruturas articuladas e complexas (LIMA; CARVALHO, 2013). Para Lucci (2006), o desenvolvimento mental se dá pela interiorização das funções psicológicas superiores: interiorizam-se os modos históricos e culturais organizados para que possam operar com as informações do meio.

Mesmo morrendo muito cedo, em 1934, Vygotsky deixou princípios gerais de sua teoria que compõem a raiz de seu pensamento, como: o entendimento das funções superiores do homem não pode ser alcançado pela psicologia animal, pois os animais não têm vida cultural e social; a atividade mental é exclusivamente humana; a linguagem e o pensamento humano têm origem social; o homem é moldado pela cultura que ele próprio cria; o indivíduo é determinado pelas interações sociais; o comportamento e a consciência são aspectos integrados de uma unidade, e não são isolados na psicologia; a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001; LUCCHI, 2006). Todos esses aspectos constituem o pensamento de Vygotsky, mas não o limitam. Foge do escopo deste trabalho uma explicação pormenorizada de todo o pensamento de Vygotsky.

A PSICOTERAPIA SÓCIO-HISTÓRICA

Para a compreensão da proposta da clínica sócio-histórica, deve-se considerar que o trabalho de Vygotsky visava à elaboração de um projeto de psicologia que pudesse analisar os problemas de aplicação prática do homem, de modo a atender às necessidades emergentes de sua época. Essa proposta envolve um importante esquema teórico complexo, integrado e aberto que propõe um estudo sociogenético do ser humano e estabelece relações com condições biológicas e principalmente com os aspectos neurológicos, na tentativa de evitar reducionismos e simplificações de qualquer espécie (BONIN, 1996).

O princípio fundamental da terapia sócio-histórica é compreender o homem como ser ativo no mundo (LIMA; CARVALHO, 2013). Vygotsky usa o pensamento marxista para dizer que os seres humanos diferem dos animais porque têm uma história social e coletiva (VAN DER VEER; VALSINER, 1996). Nessa abordagem interacionista, considera o plano filogenético,

caracterizado pela história da espécie; o sociogenético, que é a história da cultura em que o sujeito se insere; e o plano ontogenético, que trata da história do desenvolvimento do indivíduo como ser desde o seu nascimento (LIMA; CARVALHO, 2013).

Lima e Carvalho (2013) afirmam que, com os processos psicológicos superiores, o terapeuta percebe as internalizações mediadas por meio do seu paciente, pois os dois estão intrinsecamente ligados a essas funções. Esse processo de internalização é alcançado por dois motivos: a utilização de marcas externas que se transformam em processos internos de mediação ou são desenvolvidos sistemas simbólicos que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas.

As práticas clínicas atuais, segundo Dias (2005), apontam para um maior interesse pelo contexto social e uma preocupação com ele, e esse novo olhar faz repensar o posicionamento dos profissionais diante da clínica, entendendo que a subjetividade é uma construção histórica e social. Dias (2005) assegura que a psicoterapia é uma forma recorrente de interação-relação social e de realidade para cada um. Assim se faz a psicoterapia inerente à atividade do psicólogo (QUAYLE, 2007).

De acordo com Gonzáles-Rey (2007), o psicólogo tem o papel de mediador, pois dá sentido ao problema do paciente, nomeia sentimentos, auxilia na identificação de sentidos subjetivos e trabalha na construção de novos sentidos, faz a função de educador e interage com o contexto de práticas sociais diversas. O psicoterapeuta deve criar um conjunto de técnicas de intervenção adequadas para si próprio, reconhecendo a construção mútua do desenvolvimento da psicoterapia (QUINTINO-AIRES, 2006).

A CLÍNICA SÓCIO-HISTÓRICA E O AUTISMO

O TEA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) é caracterizado por cinco critérios fundamentais divididos em: déficits persistentes na comunicação e na interação social; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; os comportamentos devem ser presentes precocemente no período do desenvolvimento; os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida e essas perturbações não são mais explicadas por deficiência intelectual.

As especificações de gravidade (comportamentos repetitivos e comunicação social) podem ser usadas para descrever, de maneira breve, a sintomatologia atual, e o reconhecimento da gravidade pode variar de acordo com o contexto ou oscilar com o tempo. Os prejuízos na comunicação são pervasivos, e o diagnóstico é mais valioso e confiável quando baseado em múltiplas fontes de informação, incluindo observação clínica, história do cuidador e, se possível, autorrelato. Déficits verbais e não verbais na comunicação social têm manifestações

variadas, que dependem da idade, do nível intelectual e da capacidade linguística (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Muitos adultos com TEA sem deficiência intelectual ou linguística aprendem a suprimir comportamentos repetitivos em público. Interesses especiais podem constituir fonte de prazer e motivação, propiciando vias de educação e emprego mais tarde na vida. Os critérios diagnósticos podem ser satisfeitos quando padrões limitados e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades estiverem claramente presentes na infância ou em algum momento do passado, mesmo que não haja sintomas.

Para entender esse fenômeno, é necessário falar da sociedade, e falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. Só se compreende a dimensão interna conhecendo o mundo externo, pois são partes de um mesmo movimento, um processo que o homem constrói e modifica. O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção do nível individual do mundo simbólico que é social, visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social (BOCK, 2004).

Pessoas com TEA apresentam inadaptação para estabelecer relações afetivas e pouca aquisição da linguagem. Quando a linguagem está desenvolvida, essas pessoas apresentam incapacidade para atribuir-lhe valor comunicacional, estereotipia e repetição nos comportamentos rígidos com rotinas, características que destoam dos padrões convencionais. Como a vivência dessas pessoas é marcada pela exclusão e pela segregação social, elas necessitam de acolhimento transdisciplinar. É imprescindível entender que o desenvolvimento dessas pessoas segue um ritmo e possibilidades próprios, visando ao aprimoramento da interação social, do comportamento e da comunicação (SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

Nessa mesma perspectiva, na abordagem que fundamenta este trabalho, é fundamental a participação do outro na constituição do sujeito em sua relação com o mundo por meio da mediação. Ou seja, nenhum ser deve ser privado de se relacionar com o outro, e o ambiente em que as relações são privilegiadas é melhor e mais adequado, independentemente de a pessoa ter deficiência ou não (ORRÚ, 2010).

Conforme Vygotsky (2007), a partir dos primeiros dias do desenvolvimento das crianças, as atividades delas adquirem um significado próprio num sistema de relações sociais. Devem-se manter então um diálogo e ações mediadoras constantes com essas pessoas. Isso não reduz o desenvolvimento da pessoa apenas a um treinamento de habilidades de comunicação, mas é importante que ela esteja aberta à sua constituição como sujeito, fundamentado no desenvolvimento da linguagem, da interação social, do contexto histórico, utilizando o simbólico para ajudar na construção da linguagem, assim produzindo significados e gerando relações com o outro (ORRÚ, 2010).

O psicólogo clínico tem que utilizar o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, por acreditar que são funções emergentes no sujeito as capacidades que ainda necessitam ser manifestadas e auxiliadas no processo terapêutico. Isso será caracterizado pela capacidade

que surge e se desenvolve na relação terapêutica. Esse processo faz com que o desenvolvimento se consolide, abrindo novas possibilidades de funções emergentes (DIAS, 2005). Assim, segundo Vygotsky (2007), a internalização é o resultado de uma série de transformações, em que um processo interpessoal é convertido em um processo intrapessoal.

Leal (1999) considera essencial a experiência de receber a palavra, a postura de escuta, colocando o outro como condição principal. A qualidade do diálogo na relação terapêutica determina os processos de sentidos e significação, criando espaços de subjetivação, em que é permitido ao cliente reposicionar-se diante dos conflitos vividos (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

O psicoterapeuta é aquele que ouve e traduz, desempenhando um papel de testemunha e de contentor da palavra e do símbolo. Ele exerce a função de mediador das relações, que abrange interlocutores do passado e o do presente, garantindo ao cliente uma movimentação mais fluida nessa rede de movimento interior (QUINTINO-AIRES, 2001). Nessa visão, o terapeuta, de acordo com Rio (2001), deve ter habilidades para apreender a classe de recursos disponíveis e saber identificar os significados e as intenções subjacentes.

SOBRE O FILME

O filme *Tudo que quero* começa com a personagem principal narrando uma fala sobre a velocidade e a viagem que a luz faz sob a escuridão, sobre a solidão. A personagem questiona sobre não chegar a um determinado lugar ou objetivo. Continua narrando uma cena de um filme no espaço, que logo após mostra Wendy escrevendo em seu computador uma história baseada em seu filme favorito. Mostra uma casa que acolhe pessoas e com uma cuidadora que cumprimenta as pessoas que lá habitam, até chegar ao quarto de Wendy. As duas têm uma comunicação específica: a cuidadora chega e assopra um apito, e a personagem responde com o mesmo apito, e fazem uma bola com os braços, simbolizando o abraço.

A cuidadora e terapeuta, em um diálogo, procura ter contato visual com Wendy, e pede para que ela também tente, delimitando um tempo de contato visual que ela consiga. A terapeuta pergunta a Wendy como ela se sente e pede que "pense" em voz alta, verbalizando sua emoção e comparando a sensação com situações que são mais concretas. Wendy fala sobre sua rotina e como lida com as situações, como o cheiro "engraçado" da toalha, o polegar levantado para sinalizar que está menstruada e as cores de roupa que ela usa no decorrer da semana.

Wendy espera uma visita de sua irmã mais velha e se sente nervosa, pois acredita que seja uma oportunidade de voltar para casa e viver com a irmã e a sobrinha. Porém, na visita da irmã, Wendy pergunta quando poderá voltar a morar com elas e conta sobre o concurso de que está participando, que consiste em escrever um roteiro sobre *Star Trek*. Wendy pede a ajuda da irmã para ler o roteiro. A irmã nega o pedido, e elas acabam brigando. Wendy começa

a se bater. A cuidadora ajuda a jovem a se acalmar com um ritual de verbalizar uma frase que elas sempre treinam: "Acalme-se, acalme-se". E acaba funcionando.

Wendy passa alguns dias deprimida, percebe que não há mais tempo de mandar seu roteiro pelo correio e decide fugir da casa para entregar o trabalho com tempo. Como ela nunca viajava só, não sabia lidar com as situações que estavam à sua volta, como nunca ter atravessado uma determinada rua da cidade, valores dos produtos que ela comprava nas conveniências ou como se comprava passagem de ônibus. Na viagem, é expulsa do ônibus por carregar seu cachorro, é roubada e anda a pé, e em todo momento ela verbaliza o treino feito com a sua cuidadora e com isso consegue prosseguir e ficar calma.

Enquanto Wendy segue a viagem, a cuidadora e a irmã da jovem estão atrás dela. Não sabem onde Wendy está, ficam preocupadas e buscam a polícia, até descobrir que ela pegou um ônibus rumo à cidade onde acontece o concurso. Ambas vão atrás de Wendy, não acreditando que ela seria capaz de sobreviver a isso e preocupadas que pudesse acontecer algo grave com a jovem.

Após ser roubada e andar a pé, Wendy encontra uma senhora que a ajuda, oferecendo-lhe carona em um ônibus com idosos, mas o veículo sofre um acidente e ela vai para um hospital. Mas Wendy acaba fugindo e perdendo grande parte do seu roteiro, tendo que escrever tudo de novo. Nesse momento, percebe-se que, ao escrever o roteiro, Wendy fala um pouco de si também. Procura um jeito de continuar sua viagem, quando é encontrada por policiais. Um deles é fã do mesmo filme e acaba convencendo Wendy a acompanhá-los e esperar seus responsáveis chegarem.

Como todos já estavam na estrada, resolvem continuar a viagem e fazer com que Wendy consiga entregar o roteiro. Chegando à cidade, ela vai até o estúdio. Nesse momento, a cuidadora e a irmã demonstram confiança nela e aceitam que Wendy siga a sua missão. Ao entrar no estúdio, ela se depara com uma situação conflituosa e precisa manter um diálogo e manter contato visual, ao que consegue reagir bem, e finalmente entrega o roteiro. A irmã, ao perceber a evolução de Wendy, muda de ideia e propõe que elas voltem a morar juntas, o que restabelece o vínculo familiar.

METODOLOGIA

O presente artigo é resultado de um trabalho de metodologia qualitativa, caracterizado como estudo teórico. Assim, busca-se analisar o filme *Tudo que quero*. Nessa análise, contornam-se os principais conceitos da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, de modo a relacioná-la com a psicoterapia em pessoas com TEA, e enfatizam-se as personagens Wendy e sua terapeuta Scottie. Os estudos teóricos permitem revisar teorias, quadros de referências e condições explicativas da realidade, promovendo rigor conceitual, desempenho lógico e capacidade explicativa (DEMO, 1994).

Sendo assim, buscou-se a análise da história de vida concreta da personagem principal do filme: Wendy. Para isso, foi necessário considerar suas relações sociais, o que envolve principalmente sua cuidadora Scottie Kyle. Portanto, o trabalho primeiro contextualiza o leitor sobre os pressupostos da psicologia sócio-histórica apresentando seus principais conceitos e, posteriormente, descreve a relação da abordagem com o autismo, citando o papel da clínica sócio-histórica. Por fim, relacionam-se os principais momentos do filme com o pensamento de Vygotsky.

RESULTADOS E ANÁLISE

Muitas cenas do filme são passíveis de análise a partir da psicologia sócio-histórica, que entende o indivíduo como determinado sócio-historicamente, ativo na construção do mundo, desenvolvendo-se à medida que se relaciona com outras pessoas. A personagem principal, no decorrer do filme, vive em uma casa comunitária, estando em contato com diversas pessoas, principalmente com sua cuidadora, sua principal influência e facilitadora do desenvolvimento de novas habilidades. Sendo assim, para compreender o indivíduo, é necessário entender como se dá a vida concreta, e só assim é possível conceber a subjetividade e o mundo interno dos sujeitos (BOCK, 2004).

O filme mostra claramente alguns comportamentos típicos de pessoas com TEA, como dificuldade em estabelecer rotinas, dificuldade na comunicação social, pouco contato visual, comportamentos repetitivos (fixação pelo filme). Esses aspectos são importantes no diagnóstico de autismo e frequentemente apresentados por Wendy durante a trama (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Nesse sentido, a perspectiva sócio-histórica permite compreender como esses comportamentos afetam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, considerando que a comunicação é um dos aspectos mais importantes para esse desenvolvimento (VYGOTSKY, 2003).

O papel da psicóloga no filme ilustra muito bem a importância do processo psicoterápico. Wendy tem dificuldade em seguir a rotina e, por vezes, perde-se no seu dia a dia. Ela tem que anotar os horários de dormir e acordar, o momento de tomar banho, além de dividir as roupas por cores para cada dia. A função da mediadora não é simplesmente uma ponte. O conceito marxista é uma interposição que provoca transformação, de modo a promover o desenvolvimento e potencializar o ato do trabalho. A mediação dos signos se requalifica à medida que ultrapassa a relação direta e imediata entre o ambiente e a ação, tendo como principal ferramenta a linguagem (MARTINS; RABATINI, 2011). No filme, isso fica evidente quando a cuidadora pede a Wendy que verbalize sua rotina – isso ajuda a jovem a reproduzir a rotina e se adaptar ao ambiente diferente em que está.

A comunicação é outro fator importante na análise, e, nessa abordagem, a linguagem evidencia uma função básica no desenvolvimento e funcionamento das atividades mentais

superiores. Os seres humanos são essencialmente seres sociais, que estabelecem meios para que possam se relacionar nos grupos, e esses meios são originais e desenvolvidos por intermédio da linguagem e da comunicação, pois, por meio delas, a humanidade transmite sua cultura e aperfeiçoa suas técnicas de aprender e repassar seus conhecimentos (SILVA, 2013). Nesse sentido, é fácil observar no filme cenas que se encaixam na teoria, pois Wendy tem grandes dificuldades de se comunicar, como no momento em que o seu colega de trabalho entrega a ela um CD com algumas músicas e tenta iniciar uma conversa e Wendy o ignora, ou na situação em que ela se aproxima de uma mulher com um bebê que tem pouco diálogo por não saber bem como conversar.

Nessa comunicação, uma parte importante é o contato visual. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pela personagem refere-se ao contato visual. A cuidadora trabalha esse aspecto com Wendy diariamente. A cuidadora pede a Wendy que tente fazer um contato visual de três segundos, de modo a trabalhar gradualmente essa dificuldade vivida pela jovem. Esse processo é mediado pelo sistema simbólico, que foca nessa cena a importância da interação social e a mediação para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem (SILVA, 2013). É a partir desse treino que a terapeuta vai aumentando gradativamente a dificuldade, mas reconhecendo os limites de Wendy, considerando o que ela consegue fazer sozinha e quando precisa de ajuda.

Uma característica marcante do TEA, segundo o DSM-5, representada na personagem é a fixação por uma determinada atividade, que seria o filme *Star Trek*, pelo fato de ela se identificar com alguns personagens, pela linguagem diferente que aparece no filme e por se sentir em uma viagem às vezes solitária e muito longa. Essa fixação, por vezes, mostrou-se benéfica para a personagem, pois, em determinados contextos em que estava rodeada de pessoas que conheciam o filme e gostavam dele, ela se apresentava mais confiante e tranquila, pois sentia que estava no mesmo ambiente e não em um ambiente estranho. Isso confirma que o indivíduo se constitui no social, no compartilhamento da cultura e da história (SILVA, 2013).

Durante todo o desenvolvimento do filme, é perceptível a evolução que Wendy apresenta em todos os aspectos: emocionais, comportamentais, sociais etc. Existem cenas marcantes que demonstram tais avanços, como no momento final do filme, quando está prestes a entregar o seu roteiro finalizado, é barrada por um funcionário e Wendy se impõe, olhando fixamente para ele e defendendo seus argumentos. Muito se deve ao trabalho que Scottie, a terapeuta de Wendy, exerceu durante grande parte da vida da jovem. Scottie, a partir disso, possibilitou mudanças importantes na vida da Wendy. Conforme Lima e Carvalho (2013), a terapeuta teve papel de mediadora para o processo de subjetivação e foi a geradora do desenvolvimento possível em prol de auxiliar nas dificuldades com as quais Wendy, sozinha, não conseguia lidar.

Por fim, cabe ressaltar que, em qualquer trabalho terapêutico, o psicólogo deve ser provedor de autonomia, liberdade e qualidade de vida do sujeito, contribuindo para a eliminação

de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, conforme aponta o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CONSELHO...,2005). É constantemente mostrado quão eficiente foi o trabalho de Scottie para a autonomia de Wendy. Nada se fez em prol de mantê-la permanentemente dependente de sua terapeuta, pelo contrário, foi a partir das intervenções dela, como mediadora para o seu desenvolvimento, que Wendy pôde evoluir em todos os aspectos de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada no filme *Tudo que quero* evidencia a importância de um olhar mais humanizado para as pessoas com TEA, por terem características que fogem dos padrões da sociedade, fazendo com que se sintam deslocadas e incapazes diante de uma sociedade tão individualizada e despreocupada com o outro. No caso da personagem, essa visão vai além, pois grande parte dos cuidados destinados às pessoas com autismo se encontra na fase inicial, na infância, e o filme mostra a importância desse cuidado em outras fases da vida, auxiliando as pessoas a ter mais autonomia e liberdade em suas escolhas e desejos.

A psicoterapia, com a abordagem sócio-histórica e com toda a sua filosofia, pode ajudar no processo dessas pessoas, de modo a colocá-las como agentes de transformação e construção de sua vida e seu destino, e validar seus sentimentos e desejos. Nesse processo, devem-se desenvolver com o sujeito signos e significados na sua realidade que possam construir relações mais sólidas e igualitárias. Desse modo, ele deixa de ter uma postura passiva e passa a ser mais ativo no próprio processo de crescimento.

Socio-historical psychology and autism: an analysis from the movie *Please stand by*

Abstract: The socio-historical psychology developed from the thought of Lev Vygotsky (1896-1934) has its foundations in Marxism and adopts dialectical historical materialism as philosophy, theory and method. Thus, man is placed as active, social and historical. The contributions of this approach to clinical practice allowed the construction of this work, analyzing the film *Please stand by*. Therefore, this work is a theoretical analysis from the socio-historical perspective of Lev Vygotsky highlighting its main concepts and the role of psychotherapy in people with autism spectrum disorder, emphasizing the characters of Wendy and her therapist Scottie. As a result, it can be mentioned that the therapist's work was fundamental to Wendy's development, promoting autonomy and a feeling of freedom, influencing Wendy's entire concrete life.

Keywords: Socio-historical psychology. Clinical practice. Autism spectrum disorder. Analysis. Film.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. *Psicologia para América Latina*, v. 1, p. 1-8, 2004.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *Psicologia Sócio-Histórica*, v. 3, p. 15-35, 2007.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BONIN, L. F. R. *A teoria histórico-cultural e condições biológicas*. 1996. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de ética profissional do Psicólogo. Resolução CFP nº 10/05, de 21 de julho de 2005. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CORRÊA, C. R. G. L. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 379-386, 2017.
- DELARI JR., A. *Vigotski e a prática do psicólogo: em percurso da psicologia geral à aplicada*. Umuarama: GETHC, 2009.
- DEMO, P. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DIAS, M. H. S. S. M. A psicologia sócio-histórica na clínica: uma concepção atual em psicoterapia. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, v. 9, n. 1, p. 67-77, 2005.
- GONZÁLEZ-REY, F. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- LEAL, M. R. M. *A psicoterapia como aprendizagem: um processo dinâmico de transformações*. Lisboa: Fim de Século, 1999.
- LIMA, P. M. D.; CARVALHO, C. F. D. C. D. A psicoterapia sócio-histórica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. esp., p. 154-163, 2013.
- LUCCI, M. A. Proposta de Vygotsky: psicologia sócio-histórica. *Professores, Jornal de Currículo e Treinamento de Professores*, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.
- MARTINS, L. M.; RABATINI, V. G. A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. *Revista Psicologia Política*, v. 11, n. 22, p. 345-358, 2011.

- ORRÚ, E. S. Contribuciones del abordaje histórico-cultural a la educación de alumnos autistas. *Humanidades Médicas*, v. 10, n. 3, p. 1-11, 2010.
- QUAYLE, J. *A formação do psicólogo em psicoterapia: desafios*. 2007. Disponível em: <http://www.abrap.org/ideias/Julieta.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- QUINTINO-AIRES, J. M. *Apontamentos do Curso Pós-Graduado de Consulta Psicológica e Psicoterapia*. Funchal: IPAF, 2001.
- QUINTINO-AIRES, J. M. A abordagem sócio-histórica na psicoterapia com adultos. *Psicologia para América Latina*, n. 5, p. 1-5, 2006.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- RIO, M. J. Afectologia genética: uma proposta desenvolvimental e relacional para a compreensão da psicopatologia. *Jornal de Psicologia Clínica*, v. 1, n. 1, p. 23-31, 2001.
- SANTOS, S. M. D. M. D.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Revista Katálysis*, v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010.
- SILVA, A. K. A. Pensamento, linguagem e aprendizagem: algumas reflexões sobre a teoria vi-gotskiana e a formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 11380-11393.
- SOUZA, V. L. T. D.; ANDRADA, P. C. D. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psi-quismo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 355-365, 2013.
- VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. *Teoria das emoções: estudo histórico-psicológico*. Madrid: Edições Akal, 2004.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em agosto de 2021.

Aprovado em abril de 2022.